

## **Análise da cobertura jornalística de rock<sup>3</sup>**

Paulo Henrique de Assis Faria<sup>4</sup>  
Faculdade Araguaia

### **Resumo**

O presente trabalho é de natureza teórica e prática e tem como objeto a análise da cobertura jornalística de rock. Na parte teórica, pretendeu-se mostrar os principais aspectos de conceituação do que é rock, jornalismo de rock e documentário. Na parte prática foi realizada uma produção audiovisual que entrevista membros do jornalismo de rock do passado, presente e por assim dizer do futuro. Dentre as conclusões aferidas constatou-se que a cobertura de rock nas grandes mídias é limitada.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Rock; Cultura; Música; Documentário.

### **Abstract**

*This work is theoretical and practical, and has as its object the analysis of media coverage of rock. In the theoretical part was intended to show the main aspects of conceptualization of what is rock, rock journalism and documentary. In the practical part of an audiovisual production was done interviewing members of rock journalism of the past, present and future so to speak. Among the findings it was found that measured coverage of rock in the big media is limited.*

**Keywords:** Journalism, Rock, Culture, Music, Documentary.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT1 – Audiovisual e Cultura, TCC da II Semana do Audiovisual da UEG – IISAU, realizada de 24 a 30 de setembro de 2012, em Goiânia-GO.

<sup>4</sup> Jornalista formado pela Faculdade Araguaia (2011) e pós-graduando em História Cultural pela UFG. Já trabalhou na TBC, no jornal impresso Diário da Manhã e na Assessoria de Imprensa do Sindipúblico. Realizou dois filmes (Um documentário e um curta-metragem). E-mail: ph\_deassisfaria@hotmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a cobertura jornalística de rock. A realização desta pesquisa se dá através de um documentário que não tem fins lucrativos, mas, sim, a intenção de explicar um trabalho de temática pouco explorada na área acadêmica, bem como possibilitar sua veiculação na mídia – TV internet. O documentário é conhecido como um verdadeiro registro histórico jornalístico e não uma ficção, normalmente tratada nos filmes de forma geral. Ainda, segundo Ramos:

[...] podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. (RAMOS, 2008, p. 22)

O documentário pode ter caráter jornalístico, no caso do trabalho aqui apresentado, que perpassa pelo jornalismo cultural. Segundo Piza (2008), a importância da temática é conceituada como um assunto pertinente para todas as pessoas, bem como as inserções nas mais diferentes esferas da sociedade. Portanto não é correto fragmentá-la, pois a cultura define-se na junção e não na separação de atividades: “[...] há uma riqueza de temas e implicações no jornalismo cultural que [...] não combina com seu tratamento segmentado; afinal, a cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens” (PIZA, 2008, p. 7).

A escolha do tema foi baseada na hipótese de que a cobertura midiática roqueira é insatisfatória ou superficial. Com o trabalho prático elaborado em audiovisual será mais fácil entender e disseminar os pontos positivos e negativos que o jornalismo especializado da área apresenta.

## 2 ROCK COMO ESTILO MUSICAL

O estilo musical conhecido como *rock'n'roll*<sup>5</sup> surgiu nos Estados Unidos, em meados dos anos 1950, e influências da sonoridade de cultura negra. De acordo com Paulo Chacon, “o rock foi buscar esse elemento físico, esse movimento libertador do corpo nas tradições negras do *rhythm & blues*<sup>6</sup>, tão fortemente arraigadas nos EUA. Aquilo que o branco queria só o negro possuía, mas o clima macartista dos anos 50 teimava em impedir a união” (CHACON, 1985, p. 6).

A origem do gênero musical é ainda esmiuçada nas palavras complementares de Chacon:

Embora beba nas três fontes que comentamos, a verdade é que o Rock se embriagou mesmo foi de música negra. A pop e a *country music* forneceram elementos que impediram que o Rock se transformasse apenas na ‘versão branca do *rhythm and blues*’ e criasse assim sua própria proposta. É nesse contexto que Alan Freed, um disc-jóquei de Cleveland, Ohio, percebeu que a música negra era um filão mercadológico consumível pelo branco desde que se trocasse o nome de *rhythm and blues*, demasiadamente negro, por algo mais branco: surgia assim o *rock and roll* (união de duas gírias que corretamente traduzidas fariam vovó corar). (CHACON, 1985, p. 10)

Com o passar dos anos, o novo gênero musical expandiu seus horizontes, criando fortes raízes, sobretudo na Europa. Desde que fora criado, surgiram vários outros estilos diferentes e inúmeras bandas.

A importância do rock é definida por Paulo Chacon:

O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento.

---

<sup>5</sup> “rock n” roll” ou “rock and roll”, foi uma expressão inventada pelo disc jockey americano chamado Alan Freed. Essa definição deu nome ao estilo de música criado em 1954. Freed apareceu em várias imagens em movimento como a si mesmo e é comumente referido como o “pai do rock and roll”, devido à sua promoção do estilo de música, e sua introdução da expressão “rock and roll”, como um nome para um determinado gênero musical, no rádio no início dos anos 1950.

<sup>6</sup> “*rhythm & blues*” é a união de outros gêneros musicais semelhantes ao *blues*. Geralmente era composto em sua maioria por integrantes e músicos negros, bem como o *Jazz* e o *Soul* à mistura sonora.

O rock é e se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma polimorfia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e com as mudanças que os anos provocam geração a geração. Mais polimorfo ainda porque seu mercado básico, o jovem, é dominado pelo sentimento da busca que dificulta o alcance ao porto da definição. (e da estagnação . . .). (CHACON, 1985, p. 7)

### 3 CRÍTICA DE ROCK

A cobertura jornalística de rock advém primeiramente da especialização da crítica musical. Faz parte da especialização de cobertura de rock, que divide o jornalismo em várias especialidades e temas, antes pouco explorados.

Como afirma Roberto Muggiati, essa prática surgiu:

Com o dilúvio de dados provocado pelos novos media – sobretudo os eletrônicos – esses compartimentos estanques de classes e hierarquias foram invadidos e todo mundo se viu bruscamente na situação do naufrago: nadar para sobreviver. Nadar, no caso, equivalia a digerir e manipular convenientemente a massa de informação despejada diariamente pela indústria das comunicações. Foi dentro dessas condições que os jovens, para se defender, criaram um campo de informação próprio. (MUGGIATI, 1983, p. 11 e 12)

A revista americana “*Rolling Stone*” é pioneira na crítica e cobertura de rock e com o passar do tempo tornar-se-á a mais importante publicação nessa área. Entrevistas com estrelas do gênero, como John Lennon, Jimi Hendrix e Bob Dylan, mostravam a ascensão do impresso (MUGGIATI, 1983). No ano de 1961, um crítico musical do principal jornal americano, o “*The New York Times*”, fez asserções sobre o jeito de ser e tocar de Bob Dylan (MUGGIATI, 1983, p. 18).

O jornalismo de rock veio do termo americano *Rock Journalism*, que possui caráter mais parcial, por ter cunho literário desenvolvido em um primeiro momento por nomes como Jonh Mendelssohn, Richard Meltzer, Nick Tosches e o mais famoso deles,

Lester Bangs. Essa prática mudou drasticamente a forma de ser e ver a crítica musical – que anteriormente apenas fazia comentários imparciais e apresentativos, sem crítica opinativa. (SALDANHA, 2005, p. 10). Na década 1950, o rádio era o meio de comunicação mais abrangente e como tal foi o grande responsável por tornar o estilo rock popular. Ao veicular gravações dos discos dos grandes nomes do rock e/ou até mesmo citá-los na programação, o rock ganhou fronteiras inimagináveis no mercado e no jornalismo (MUGGIATI, 1983, p. 54 e 55).

Com isso surgiram programas de rock e a figura do discjôquei (DJ), que manipulava as músicas pedidas pelo público ou de maior sucesso no momento. Estes, portanto, “tomam conta das emissoras e até os noticiários e boletins meteorológicos são integrados no clima das ‘festinhas de rock’n’roll’” (MUGGIATI, 1983, p. 62 e 63).

Mais tarde, no ano de 1956, a TV se deu conta do sucesso que o rock e seus artistas faziam. O rei do rock Elvis Presley foi contratado para estrear uma das principais atrações da televisão americana, o Ed Sullivan Show. Com isso, “as TVs deram força aos programas do tipo *American Bandstand*, que nada mais era do que festinhas de rock’n’roll televisionadas ao vivo, das quais participava um público jovem” (MUGGIATI, 1983, p. 63). No Brasil, o jornalismo especializado em rock surgiu segundo Rafael Machado Saldanha com:

As primeiras revistas exclusivamente sobre Rock’n Roll (antes algumas revistas já abordavam o ritmo eventualmente, como a revista de letras *Eu Canto*, de 1959), visando este nascente público, surgiram no início dos anos 60, tendo sido a *Revista do Rock*, de agosto de 1960, a primeira. Essa revista, editada pela jornalista e compositora Janette Adib, foi que definiu a linguagem que seria utilizada nas publicações do tipo até o final da década. (SALDANHA, 2005, p. 25)

Entretanto só ganhou maior profundidade com a versão brasileira da “*Rolling Stone*”, que começou a ser publicada em 1972 e após 36 edições encerrou as atividades, em 1973. Porém esta apresentou de forma significativa a forma de como fazer o jornalismo roqueiro. (SALDANHA, 2005, p. 26). A revista *Rock Brigade*, de 1981, oriunda de um folheto informativo de apreciadores do estilo em São Paulo deu novo

fôlego para o jornalismo de rock no impresso (MONTEIRO *apud* SILVA, 2008). No ano de 1985 surgia pela editora Abril a revista “Bizz”, que até hoje é tida como uma das mais importantes publicações com especialidade musical em circulação no Brasil – por sua longa tiragem e distribuição (SALDANHA, 2005, p. 28).

#### 4 DOCUMENTÁRIO

O documentário é uma espécie de documento audiovisual muito utilizado para conhecermos variados fatos e pessoas de relevância social e/ou histórica. Como exalta Cavalcanti (1972), o documentário propõe “ao povo brasileiro [...] iniciar a sua educação cívica; interessá-los pelas questões econômicas e pelos problemas sociais do país [...]” (CAVALCANTI, 1972, p. 75).

Segundo Ramos (2008), o documentário pode ser definido dentro do contexto da narrativa:

Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. (RAMOS, 2008, p. 22)

Os documentários evoluíram na medida em que a tecnologia foi se sofisticando com o passar dos anos. De acordo com Bill Nichols (2005), existem seis tipos de documentários, nos 19 quais um determinado autor pode utilizar até mais de um estilo, em uma única produção. As segmentações são: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

Após realização do trabalho teórico, bem como toda a pesquisa que envolve o objeto do artigo, foi produzido um documentário de aproximadamente 50 minutos que entrevistou jornalistas que vivenciaram e vivenciam o jornalismo de rock em Goiânia. Este foi dividido por etapas, pois na primeira explorou-se a mídia de rádiojornalismo,

depois webjornalismo, posteriormente impresso e por último telejornalismo. O estilo do filme documental será o modelo interativo, no qual o repórter/autor participa realizando entrevistas e diálogos com os entrevistados. Esse modelo de produção audiovisual será o formato participativo que Fernão Pessoa Ramos define:

O sujeito-da-câmera participativo é a segunda modalidade de sujeito-da-câmera que aparece na virada estilística da tradição documentária dos anos 1960. Nela o sujeito-da-câmera age com mão pesada, intervindo na indeterminação do acontecer (esse tipo de embate interventivo na franja do transcorrer é desconhecido pelo documentário clássico). O sujeito-da-câmera interfere na constelação do acontecimento, age sobre indeterminação, e a flexiona com o peso de sua ação, deixando sempre a marca da pegada da intervenção para o espectador. (RAMOS, 2008, p. 99)

E Bill Nichols complementa:

O documentário participativo dá-nos uma idéia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação e como aquela situação conseqüentemente se altera. Os tipos e graus de alteração ajudam a definir variações dentro do modo participativo do documentário. [...] Esse estilo de filmar é o que Rouch e Morin denominavam de *cinema vérité*, ao traduzir para o francês o título que Dziga Vertov deu a seus jornais cinematográficos da sociedade soviética: *kinopravda*. Como „cinema verdade“, a ideia enfatiza que esse é a verdade de um encontro em vez da verdade absoluta ou não manipulada. (NICHOLS, 2005, p. 153 e 155)

Este estilo é o mais utilizado na modalidade jornalística, justamente por ser o papel mais próximo que o documentário tem da reportagem:

Há casos, no entanto, em que reportagem de telejornais, ou de outros programas televisivos, se aproximam mais de uma forma enunciativa da tradição documentária. Reportagens mais amplas, mais distantes da cobertura cotidiana, compostas de diversos episódios, periodicamente são exibidas em telejornais. (RAMOS, 2008, p. 59)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande problema da cobertura de rock (analisando empiricamente) vai além da falta de interesse da grande mídia para com o estilo musical. O telespectador, internauta, ouvinte e leitor assimilam essas produções passivamente. A cidade de Goiânia é um exemplo disso, pois abriga muitas pessoas que são fãs de rock, porém estas mesmas não contestam e tampouco exigem que o jornalismo de rock tenha mais força na mídia de Goiás. Segundo definição de Wilensky (1964), a cultura de massa consiste nos produtos que são produzidos exclusivamente para o mercado massivo e padronizados para satisfazer ao gosto mediano (WILENSKY, 1964, p. 119).

O jornalismo de rock não tem atenção da grande mídia goiana – e nacional – porque não é rentável financeiramente para as grandes corporações comunicacionais.

Segundo Habermas (1968), a cultura de massa é altamente influenciadora:

Consegue expandir o seu consumo adaptando-se às necessidades de ócio e entretenimento de grupos de consumidores com um nível relativamente baixo de educação, em vez de, inversamente, educar um público maior para uma cultura essencialmente intacta. (HABERMAS, 1968, p. 182)

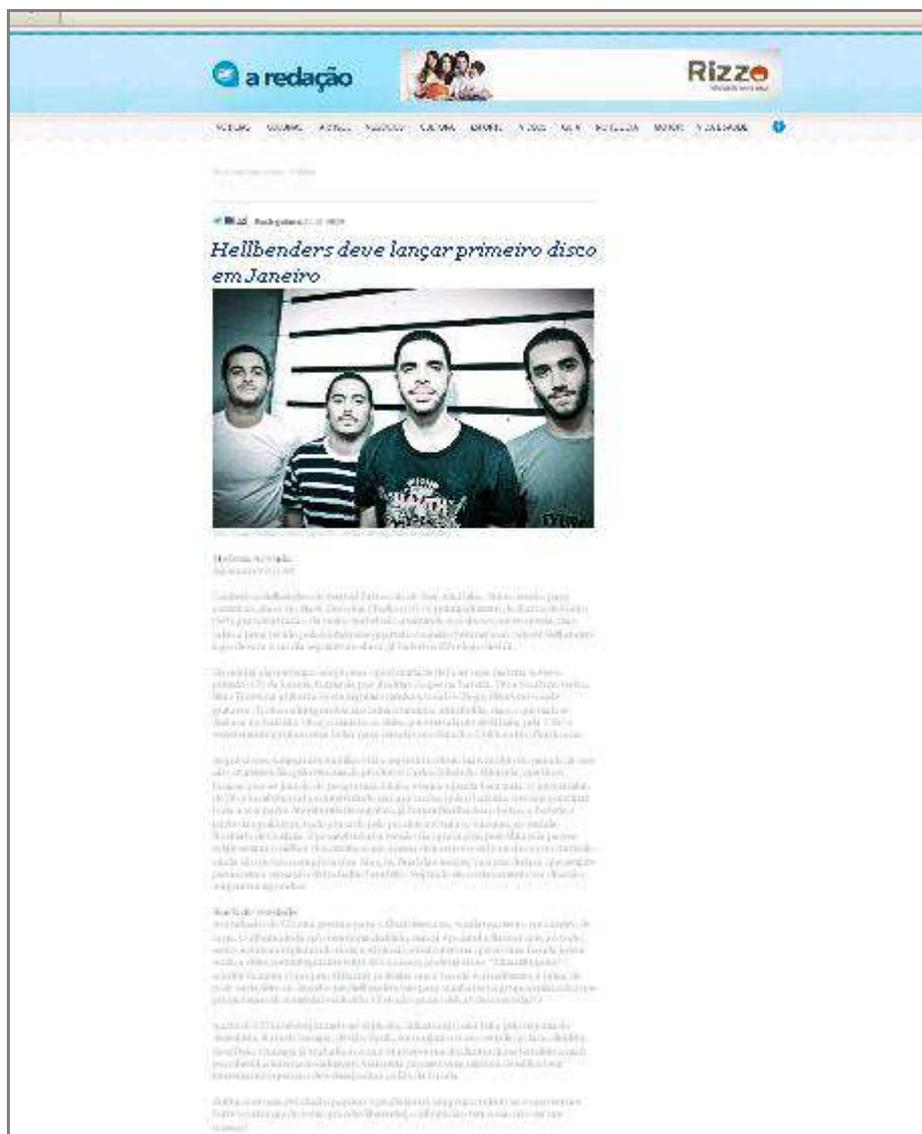
O jornalismo de rock, integrante do jornalismo musical, que por sua vez está no jornalismo cultural, sofre pela alienação do público para com o que é mostrado na mídia de massa. Assim como o estudioso em jornalismo de entretenimento Michael Kunczik (2002) afirma:

Para o receptor, o entretenimento é simplesmente aquilo entretém, vale dizer, a ausência de tédio. Basicamente, a separação de informação e entretenimento, que ainda existe no organogramas de muitas empresas dos meios de comunicação, não tem nenhum sentido para os receptores. Para eles, o oposto da mensagem de entretenimento dos meios de comunicação não é o conhecimento informativo, mas o conteúdo que não lhes agrada. (KUNCZIK, 2002, p. 106)

E ainda segundo Langenbucher e Mahle *apud* Michael Kunczik:

Os responsáveis pelas revistas de entretenimento na Alemanha definiam seus leitores como: Os jornalistas os vêem como pessoas inócuas, sem opiniões firmes, ávidas de sensações, de baixo nível de inteligência, primitivas e interessadas apenas superficialmente nas coisas intelectuais. (KUNCZIK, 2002, p. 107)

Se fizermos uma pequena pesquisa pela mídia, fica constatado que a internet é o caminho onde se tem mais cobertura e discussões voltadas para o rock. Porém as pessoas responsáveis por esse trabalho em sua maioria não são jornalistas e nem profissionais na área. Fazem porque entendem e gostam. A internet é o caminho do presente e também futuro e se houver mais contundência de jornalistas da área do rock e mais apelo do público o jornalismo de rock será pleno não só na internet, mas em todas as outras mídias, porque os grandes veículos goianienses vão de fato perceber o grande nicho que o rock proporciona aqui na cidade.



**Figura 1:** Página do site “A Redação” exibindo uma matéria sobre banda de rock goiana

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Alberto. Produção de documentário *In* MARQUES DE MELO, José. (org.). *Jornalismo audiovisual: técnica do documentário*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes [Departamento de Jornalismo e Editoração], 1972.

CHACON, Paulo. *O que é rock?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

HABERMAS, Jürgen. *Sobre a comunicação sistematicamente distorcida*. Inquérito nº 13. 1968.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de Jornalismo*: Norte e Sul. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

MUGGIATI, Roberto. *Rock, o grito e o mito*: a música pop como forma de comunicação e contracultura. Petrópolis: Vozes, 1983.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao Documentário*. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas: Papyrus, 2005.

PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2008.

ROSA, Fernando. O rock dos setenta em jornal. Disponível em: <<http://www.senhorf.com.br/agencia/main.jsp>> Visitado em 16/01/2005. In : SALDANHA, Rafael Machado. *O rock em revista*: O jornalismo de rock no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal Juiz de Fora/MG, Faculdade de Comunicação, 2005.

SALDANHA, Rafael Machado. *O rock em revista*: O jornalismo de rock no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal Juiz de Fora/MG, Faculdade de Comunicação, 2005. Disponível em: [http://www.facom.ufjf.br/documentos/downloads/projetos/1sem\\_2005/pdf/RSaldanha.pdf](http://www.facom.ufjf.br/documentos/downloads/projetos/1sem_2005/pdf/RSaldanha.pdf). Visitado em 15 de out, 2011.

SILVA, Jaime Luiz da. *O Heavy Metal na revista Rock Brigade*: Aproximações entrejornalismo musical e produção de identidade. Repositório Digital: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Seção Comunicação e Informação. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14932>. Acesso em: 17 out. 2011.

WILENSKY, H. L. *The professionalization of everyone? The American Journal of Sociology*, Chicago, v. 70, n. 2, p. 137-158, set. 1964.